XII SEMANA CIENTÍFICA UNILASALLE – SEFIC 2016
Canoas, RS – 17 a 21 de outubro de 2016

CONSÓRCIO DOUTORAL

ISSN 1983-6783

A INVENÇÃO DA IMAGEM TURÍSTICA DA SERRA GAÚCHA: RELAÇÕES DE MEMÓRIAS E IDENTIDADES ATRAVÉS DA GASTRONOMIA E DAS FESTAS TEMÁTICAS

Alexandra Marcella Zottis[1]
Profª Draª Zilá Bernd (orientadora)[2]
Centro Universitário Unilasalle

Resumo
O resumo apresenta o projeto de tese que objetiva investigar o processo de invenção histórica, cultural e social da imagem turística da Serra Gaúcha, mediada por relações de memórias e identidades através da gastronomia e das festas temáticas. Destaca o marco teórico e a metodologia proposta.
Palavras-chave: Serra Gaúcha, Imagem Turística, Cocanha.

Área Temática: Memória Social

1. Introdução - Propósito central do trabalho

A questão que orienta o processo investigativo desse projeto de pesquisa considera que a imagem turística da Serra Gaúcha é um processo de invenção histórica, cultural e social, mediada por relações de memórias e identidades, com a influência de manifestações multiculturais e étnicas. Essas manifestações estão mais explicitadas na oferta gastronômica, desde restaurantes às demais operações gastronômicas-, e em festas temáticas. Cita-se como exemplos a Festa da Uva, de Caxias do Sul, a Fenachamp, de Garibaldi e a Fenavinho, de Bento Gonçalves.

A Serra Gaúcha, maior polo turístico do Estado, é composta por municípios que abrigaram grandes fluxos imigratórios no século XIX, como alemães e italianos. No século XXI, as referências às influências europeias são recorrentes no discurso promocional do Turismo do Rio Grande do Sul. Esses adjetivos europeizantes, hoje um grande reforço à atratividade turística da Serra Gaúcha, passaram por diferentes estágios valorativos ao longo dos séculos XIX e XX.

Nesse sentido, apresenta-se como **objetivo** investigar o processo de invenção histórica, cultural e social da imagem turística da Serra Gaúcha, mediada por relações de memórias e identidades através da gastronomia e das festas temáticas. Propõe-se como **problema**: "quais as influências da gastronomia típica e das festas temáticas no processo de invenção da imagem turística da Serra Gaúcha a partir das relações entre memórias e identidades?

A fundamentação teórica necessária ao desenvolvimento deste projeto de pesquisa será interdisciplinar, recorrendo à História, à Antropologia, à Comunicação e à Literatura, entre outras áreas afins. Entre as temáticas necessárias destacam-se, neste trabalho, as abordagens sobre Cocanha**,** Serra Gaúcha, Comunicação Turística, Tradição Inventada e Memória.

Marco Teórico

Considera-se adequado iniciar pela Cocanha o delineamento do marco teórico do projeto de tese. Franco Júnior (1998) é autor de uma das obras mais consistentes sobre essa temática ao reunir as diversas descrições e versões do tema no livro *Cocanha: a história de um país imaginário*. Na introdução, ressalta que a historiografia atual reconhece que se deve tentar reconstituir tanto a história de sociedades imaginárias, quanto das sociedades concretas, e que a

[1] Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais do Centro Universitário Unilasalle. Bolsista Capes/Prosup. Mestre em Turismo (UCS). Graduada em Comunicação Social-Jornalismo e Relações Públicas-, e em Direito (UCS). Professora dos Cursos de Turismo e de Gastronomia da Universidade Feevale.
[2] Docente do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais do Centro Universitário Unilasalle. Possui pós-doutorado na Université de Montréal (Canadá) em 1990; Doutorado em Letras (Língua e Literatura Francesa) pela Universidade de São Paulo (1987); Mestrado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS (1977); Licenciatura em Letras pela mesma universidade (1967). Aposentada como titular da UFRGS foi professora e orientadora convidada do PPG Letras/UFRGS até dezembro de 2015. Desde 2008 é professora e orientadora do PPG-Memória Social e Bens Culturais do Centro Universitário Unilasalle Canoas.

ISSN 1983-6783

fronteira entre elas é muito mais arbitrária que possa parecer à primeira vista. Ou melhor, que não existem fronteiras, mas uma larga faixa de domínio comum, que situa o ponto de observação do historiador e que não se pode compreender uma delas sem o concurso da outra. A sociedade imaginária, portanto, pode ser interpretada como o exagero ou a inversão da sociedade concreta, da negação dos seus medos ou da projeção dos seus desejos. E ambas configuram um produto cultural, resultado de uma rede de significados. O autor também destaca o papel das fontes literárias na história social do imaginário. Para o historiador elas não são resultado de um trabalho autoral, único e singular, mas de relações intertextuais sincrônicas e diacrônicas ao momento do seu registro escrito. Franco Júnior considera imaginário "um conjunto de imagens visuais e verbais gerado por uma sociedade (ou parcela desta) na sua relação consigo mesma, com outros grupos humanos e com o universo em geral." Adverte que todo o imaginário é coletivo, e que não pode ser confundido com imaginação, esta uma atividade psíquica individual. No capítulo *A Terra da Abundância*, analisa as relações da Cocanha com a busca pela comida, numa clara oposição à ameaça da fome, presente em vários períodos da história. Embora a abundância seja uma constante nas diversas versões, os alimentos citados variam conforme as épocas e os locais, demonstrando que a história da alimentação reflete a da sociedade.

Piovesan (2008) investiga como se processam as relações culturais dos imigrantes italianos que chegam ao Rio Grande do Sul no final do século XIX no romance *A Cocanha*, de José Clemente Pozenato. Para a autora, a (re)construção cultural dos imigrantes italianos em *A Cocanha* tem sua ênfase na coletividade e que, inicialmente, é o mito da Cocanha que instiga a emigração em massa, no entendimento de que a América representa a busca pela abundância, em oposição à carência vivida na Itália.

A referência comum em diversos trabalhos com a temática da Cocanha é a relação explícita das descrições do país imaginário/sociedade imaginária com a abundância e a fartura de alimentos. Essa relação é fundamental ao percurso investigativo do projeto de tese, em dois aspectos. Primeiro, identificar de que formas a promessa da Cocanha, de encontrar na América a Terra da Abundância, promovida pela campanha migratória está presente nos relatos dos imigrantes. Segundo, pesquisar como o discurso da fartura gastronômica é apropriado pela comunicação turística da Serra Gaúcha, exemplificado em termos como "gastronomia rica", "mesa farta", e na competição de determinadas operações gastronômicas, como alguns cafés coloniais em Gramado, em ver quem oferta o maior número de pratos numa única refeição.

O termo Serra Gaúcha abriga municípios com divisões diversas, de acordo com critérios que podem ser institucionais, históricos, geográficos, políticos, promocionais e turísticos, que se intercruzam em vários momentos. Embora empregue o termo região para conceituar a Serra Gaúcha, Battisti (2003) admite que persiste a ideia de se tratar de uma porção territorial levemente distinta, dependendo do órgão público, empresa ou manual didático a que se está referindo. A autora acrescenta que mesmo o conceito de região não é consensual. Enfatiza que a "Serra Gaúcha, então, mantém-se como área de limites geográficos imprecisos, mas que forma uma unidade em função de alguns aspectos, como (a) a coincidência com as antigas zonas coloniais do estado do Rio Grande do Sul, e (b) a vocação e potencial econômico da região."

No processo de planejamento territorial do Governo Estadual, a Região Metropolitana da Serra Gaúcha foi instituída pela Lei Complementar nº 14.293 de agosto de 2013, sendo constituída por 13 municípios (Antônio Prado, Bento Gonçalves, Carlos Barbosa, Caxias do Sul, Farroupilha, Flores da Cunha, Garibaldi, Ipê, São Marcos, Nova Pádua, Monte Belo do Sul, Santa Teresa e Pinto Bandeira). (Atlas SocioEconômico Rio Grande do Sul).

Para a Secretaria do Turismo, Esportes e Lazer (Setel) a divisão é outra. Segue o processo de regionalização do Ministério do Turismo dividindo o Estado em 27 regiões turísticas. A Serra Gaúcha para a Setel contempla os municípios- Antônio Prado, Bento Gonçalves, Bom Jesus, Cambará do Sul, Canela, Carlos Barbosa, Caxias do Sul, Flores da Cunha, Garibaldi, Gramado, Igrejinha, Nova Petrópolis, Parobé, Picada Café, São Francisco de Paula, Três Coroas, Vacaria, Veranópolis e Vila Flores- abrangidos por quatro regiões, de características geográficas, históricas, sociais, econômicas e culturais diversas: Uva e Vinho, Hortênsias, Campos de Cima da Serra e Paranhana. Em seu site, a Setel apresenta dessa forma o destino:

ISSN 1983-6783

> Paisagem, cultura e determinação. Valores expressos nos diversos encantos da **Serra Gaúcha**. Seus caminhos conduzem a ares diversificados, **herança da colonização italiana e alemã** expressa em sua arquitetura e em seu povo. A Serra Gaúcha é um mosaico de cenários. Essa é a **Serra Gaúcha**, natureza exuberante, força do povo que marcou suas origens, profissionalismo e determinação, gastronomia rica e, sobretudo, atenção ao receber.. **(grifos acrescentados).**

Além do atributo gastronomia rica já referenciado nas relações com a Cocanha, importa destacar o que convém denominar para um melhor entendimento como adjetivos europeizantes, presentes no texto do site: "*Seus caminhos conduzem a ares diversificados, herança da colonização italiana e alemã, expressa em sua arquitetura e em seu povo.*" A imagem da Serra Gaúcha como um Brasil com cara de Europa é colocada explicitamente à venda e figura como produto de destaque também no portfólio de uma das principais operadoras turísticas do país. No site da CVC, a Serra Gaúcha é apresentada como:

> Um **Brasil** com cara de **Europa** te espera no sul do país, com paisagens de tirar o fôlego, gastronomia rica, muito vinho e – claro – o friozinho característico das montanhas, com direito a neve de vez em quando. Formada por dezenas de municípios do Rio Grande do Sul**,** a **Serra Gaúcha** possui dois núcleos turísticos principais**:** na Região das Hortênsias estão Gramado**,** Canela e Nova Petrópolis. No Vale dos Vinhedos, ficam Bento Gonçalves**,** Garibaldi e Carlos Barbosa. [...] Visite estes cenários lindos e encante-se!

Novamente há destaque à gastronomia (rica), a muito vinho e, além do frio, até mesmo a promessa de neve. Se no século XXI, as referências positivas a essas influências europeias são recorrentes no discurso turístico promocional da Serra Gaúcha, deve-se considerar os diferentes estágios valorativos ao longo dos séculos XIX e XX. Considera-se que o início se dá com a chegada das grandes levas de imigrantes italianos, a partir de 1875. Além da falta de infraestrutura mínima enfrentam o isolamento provocado não somente pelas diferenças culturais, mas também pelas barreiras linguísticas.

A partir da década de 1970, em especial com os preparativos para as comemorações do sesquicentenário da imigração alemã (1974) e o centenário da imigração italiana (1975), há uma gradual mudança dos valores relacionados às questões étnicas. Hohlfeldt e Valles (2008) ressaltam que a política de preservar as raízes culturais do estado já se estendia por alguns anos (desde o tradicionalismo dos CTGs até as comemorações da Revolução Farroupilha e o aniversário de Porto Alegre). Com a coordenação do Serviço de Turismo (Setur) foi criado um projeto que buscasse um elo de ligação para destacar, através de uma série de eventos, as diversas etnias como formas representativas do multiculturalismo gaúcho. O projeto se transformou no decreto nº. 22.410, de 22 de abril de 1973, pelo qual se institui o Biênio da Colonização e Imigração.

Percebe-se, então, no processo de comunicação turística promovido pelo Setur, os esforços em ressignificar a imagem dos imigrantes e seus descendentes. Para dar conta dos diversos eventos e demais atividades programadas para o biênio são montadas comissões e subcomissões. O jornalista Oswaldo Goidanich, primeiro atendente do Setur, é nomeado como representante da comissão para o estabelecimento de contatos com a Alemanha, Itália, Áustria e Portugal, o que implicava na realização de diversas viagens a esses países. Dos contatos italianos, resultaram exposições, mostras e aquisições, como a réplica da *Pietá* para a igreja de São Pellegrino em Caxias do Sul, e relações comerciais, com Câmaras de Comércio e bancos.

ISSN 1983-6783

Hohlfeldt e Valles (2008) acrescentam que como partes integrantes do evento, em 1975, realizaram-se a Festa da Uva, em Caxias do Sul e a Festa Nacional do Vinho, em Bento Gonçalves, assim como o Simpósio Ítalo-Sul-Americano de Viticultura e Enologia, com a participação de três especialistas italianos.

Para Moesch (1997, p.183), o desenvolvimento do projeto biênio contribuiu especialmente para o surgimento do culto ao vencedor, com a realização de eventos diversos, como as festas temáticas, mescladas com danças e gastronomia típicas, demonstrando aos turistas e visitantes o sucesso do empreendimento migratório. A autora destaca ainda o trabalho de valorização cultural de Luis Carlos Barbosa Lessa, durante a sua gestão na Secretaria Estadual de Cultura, com a divisão do Estado em 12 regiões turísticas. Segundo a autora, ao lançar o *projeto Os 12 Rio Grandes*, Lessa abalou os alicerces dos tradicionalistas, introduzindo na folheteria turística o gaúcho loiro, de olhos azuis, que toma mate, come galeto com polenta e delicia-se com o café colonial, num contraponto ao mito do gaúcho fronteiriço.

Brambatti (2005, p. 84) observa que ocorre na Serra Gaúcha a partir da década de 1990 uma revalorização da cultura italiana, dos hábitos e costumes coloniais, que se evidenciam no meio rural. Vivenciar o dia a dia do colono passa a ter forte atratividade turística, facilitando a implementação de roteiros como o Caminho das Colônias (Caxias do Sul e Flores da Cunha), Estrada do Imigrante (Caxias do Sul), Estrada do Sabor (Garibaldi).

Sobre a década de 1990 importa atentar também para o que autores sobre a imigração ítalo-gaúcha classificam como uma "explosão da italianidade", com a ampliação da oferta gastronômica, a realização de festas temáticas, a veiculação de programas de rádio, as apresentações teatrais e outras tantas manifestações onde o "ser italiano" assume outro status.

Mesmo de forma preliminar, pode-se interpretar que a apropriação dos adjetivos europeizantes para a comunicação turística da Serra Gaúcha ou, mais acentuadamente para as finalidades desse trabalho, a italianidade, são um processo de construção histórica, mediados por relações de identidades e memórias, com contribuição da gastronomia e das festas temáticas.

Retoma-se, então as considerações de Moesch (1997), Brambatti (2005) e Hohlfeldt e Valles (2008) relacionadas a essa discussão. Moesch (p. 185) aponta o turismo como um agente revelador da cultura regional, destacando as contribuições de alemães e italianos na promoção dessa cultura, através de festejos, danças, bebidas e comidas típicas. Hohlfeldt e Valles (p.36) recordam que a mobilização para as comemorações do Biênio demostraram que o Rio Grande do Sul, ao buscar conservar suas origens culturais, atraiu muitos outros interesses socioculturais ao redor do continente e do mundo. Brambatti (p. 246) identifica que no desenvolvimento do Turismo na Serra Gaúcha emerge uma identidade econômica e cultural com elementos característicos, como a prevalência de fatores culturais relegados do passado.

A apropriação das questões étnicas e identitárias no Turismo também merece ser analisada pelo o que determinados autores denominam de invenção, (re)invenção, tradição inventada e/ou reinvenção das tradições. Hobsbawm (2006) observa que muitas das tradições que parecem ou são consideradas antigas são bastante recentes, quando não inventadas. O termo tradição inventada é utilizado num sentido amplo, que inclui tantos as tradições realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto às que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período determinado e limitado de tempo. Ao termo passado apropriado ao qual a nova tradição é inserida entende-se um enquadramento que atenda a determinados interesses, sejam eles quais forem. Para o autor, trata-se de um passado "que não precisa ser remoto, perdido nas brumas do tempo." Alerta que quando há referência a um passado histórico, as tradições inventadas caracterizam-se por estabelecer com ele uma continuidade bastante artificial.

Para Hobsbawm também é importante diferenciar tradição de costume. A característica das tradições, inclusive as inventadas, é a invariabilidade, já que ao passado (real ou forjado) a que elas se referem impõe práticas, formalizadas, como a repetição. Nas sociedades tradicionais, o costume tem dupla função de motor e volante. Ele não impede as inovações e pode mudar desde que pareça compatível ou idêntico ao precedente. Sua função é dar a qualquer mudança ou resistência à inovação a continuidade histórica. Importa ainda diferenciar tradição de convenção ou rotina, que não possuem nenhuma função simbólica ou ritualística. As tradições, mesmo as inventadas, possuem funções simbólicas e ritualísticas. No Turismo, podem configurar-se como a

ISSN 1983-6783

oportunidade de compartilhamento entre a comunidade anfitriã, desde que essa se reconheça no que está sendo ofertado e que os turistas estejam dispostos a participar desse coletivo.

A revisão sobre Memória, neste artigo, principia pela obra de Halbwachs (2006, p.29), que inicia o capítulo sobre Memória Individual e Memória Coletiva falando sobre os testemunhos. Para o autor, "recorremos a testemunhos para reforçar e enfraquecer e também para completar o que sabemos de um evento sobre o qual já temos alguma informação, embora muitas circunstâncias a ele relativas permaneçam obscuras para nós." O primeiro testemunho será sempre pessoal. As percepções ao se voltar a uma cidade que já se esteve ajuda a reconstruir um quadro onde muitas partes foram esquecidas. As lembranças passadas se adaptam à percepção do presente. A impressão pode se basear não apenas na lembrança própria, mas também na dos outros, tornando mais confiável a exatidão relativa à recordação. Outro enfoque importante é a distinção entre memória coletiva e história. Para Halbwachs (p.102-103), a memória é uma corrente de pensamento contínuo, que nada tem de artificial, não retém do passado senão o que ainda está vivo ou é capaz de viver através do grupo que a mantém. Não ultrapassa os limites desse grupo. Já a história divide a sequência dos séculos em períodos, não hesita em introduzir divisões simples na corrente dos fatos. Há a impressão que tudo se renova de um período ao outro, conforme os jogos de interesses e os modos de apreciação dos homens e dos acontecimentos. Adverte que apesar da história poder se apresentar como a memória universal da espécie humana, não existe nenhuma memória universal. Toda a memória coletiva tem como suporte um grupo limitado no tempo e no espaço e retrocede no passado até certo limite, mais ou menos longínquo, conforme pertença a esse ou aquele grupo.

No enfoque sobre a memória cultural, Assmann (2011, p. 317) situa a discussão da "memória dos locais" situando que se trata de uma formulação confortável e sugestiva. Confortável por deixar em aberto que se trata de uma memória que se recorda dos locais ou de uma memória que está por si só situada nos locais. Sugestiva "porque aponta para a possibilidade de que os locais possam tornar-se sujeitos, portadores da recordação e possivelmente dotados de uma memória que ultrapassa amplamente a memória dos humanos." Assmann também aborda local honorífico, que se notabiliza pela descontinuidade, por uma diferença entre passado e presente. No local honorífico, uma determinada história não seguiu adiante, foi interrompida, mas se materializa em ruínas e objetos remanescentes. De despercebidos, invisíveis, podem voltar a ser visíveis caso recaia neles a atenção, um novo interesse. Exemplos disso são as viagens de formação que guiavam sábios humanistas da Renascença aos locais honoríficos da Antiguidade grega e romana. Na história do Turismo, pode-se destacar o *Grand Tour*, no século XVIII, quando os jovens da nobreza europeia eram guiados por seus tutores numa viagem cultural, num roteiro que envolvia Paris e um circuito pelas cidades italianas de Roma, Veneza, Florença e Nápoles.

Pollak (1989), na sua abordagem sobre memória, esquecimento e silêncio, se dedica a analisar conflitos como a destalinização na então União Soviética e ao que denomina "as verdadeiras batalhas da memória". Pollak (p. 9) entende como fundamental ao estudo das memórias coletivas analisar a sua função:" A referência ao passado serve para manter a coesão de dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo." Como operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, à memória se integram tentativas de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento. Verifica-se a partir dos autores o caráter multidisciplinar e interdisciplinar que vem sendo dado aos estudos da Memória, demonstrando ser essa uma área de conhecimento propícia a pesquisas no campo do Turismo.

3. Metodologia

Em relação à metodologia propõe-se a realização de uma pesquisa qualitativa, quanto ao ponto de vista da abordagem do problema. Conforme Prodanov e Freitas (2013, p.70) a pesquisa qualitativa "considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números." Quanto aos procedimentos técnicos serão empregadas as pesquisas bibliográfica, documental e de campo. Na pesquisa documental, são consideradas fontes indispensáveis os acervos referentes a Osvaldo Goidanich, primeiro titular do Serviço de Turismo

ISSN 1983-6783

do Rio Grande do Sul, com parte desse material abrigada junto à Pontifícia Universidade Católica-PUC (RS); e o referente à criação e a atuação do Touring Club, dispersos em arquivos públicos e privados. A relevância desses acervos decorre do pioneirismo de Goidanich e da importância do Touring Club para a promoção e o desenvolvimento do Turismo gaúcho. Também serão fontes os jornais de abrangência regional e nacional e a folheteria turística. Quanto à pesquisa de campo, propõe-se a realização de entrevistas junto a empreendedores e gestores turísticos dos municípios investigados, empregando a história oral.

Referências

ASSMANN, Aleida. Espaços da recordação - Formas e transformações da memória cultura. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2011. 1ª ed.

BATTISTI, Elisa. BDSer: um banco de dados de fala da serra gaúcha. Anais do 5º Encontro do Celsul, Curitiba-PR, 2003.

BRAMBATTI, Luiz Ernesto. Racionalização, cultura e turismo na serra gaúcha. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul,) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, UFRGS, Porto Alegre (RS), 2005.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. Cocanha: a história de um país imaginário. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2006.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. (orgs.). A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006. 4ª ed.

HOHLFELDT, Antonio; VALLES, Rafael Rosinato. Dois pioneiros da comunicação no Rio Grande do Sul: Oswaldo Goidanich, Roberto Eduardo Xavier [recurso eletrônico]. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. (Coleção NUPECC1).

MOESCH, Norma. Cortina de cristal: processos migratórios, identidade cultural e comunicação turística. Dissertação (Mestrado)- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre (RS), 1997.

PIOVESAN, Edivane Silvia. Em busca da cocanha: a(re)construção da identidade cultural italiana no Rio Grande do Sul. Dissertação (Mestrado em Letras)- Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Departamento de Linguística, Letras e Artes, 2008.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2. n. 3, 1989, p. 3-15.

PRODANOV, Cleber Cristiano. FREITAS, Ernani Cesar de. Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SITES CONSULTADOS

Atlas SocioEconômico Rio Grande do Sul. Disponível em http://www.atlassocioeconomico.rs.gov.br. Consulta em 11 de agosto de 2016.
CVC. Disponível em: http://www.cvc.com.br/destinos/brasil/serra-gaucha. Consulta em 11 de agosto de 2016.
Secretaria Estadual de Turismo, Esportes e Lazer. Disponível em http://www.turismo.rs.gov.br/regiao/1/serra. Consulta em 11 de agosto de 2016.